

## A experiência do mundo: uma visão historiográfica sobre a cidade de Gaza no contexto da materialidade do Mediterrâneo antigo\*

*João Batista Ribeiro Santos*\*\*

---

**Resumo.** Esta pesquisa busca situar a cidade de Gaza no contexto da materialidade do Mediterrâneo na Idade do Bronze Recente. O acontecimento de maior repercussão foi a invasão dos “Povos do Mar” na região siro-palestina. Em primeiro lugar, mudou o quadro político de todo o Mediterrâneo antigo; em segundo, os dois grandes impérios – Egito e Khatí – que dividiam o controle sobre a Síria-Palestina caíram ambos. Pela primeira vez, a Palestina se viu livre do domínio estrangeiro, mesmo porque, a partir do século XI a.C. as grandes potências mesopotâmicas, Assur e Babel, sofreram a invasão dos aramitas que controlavam a zona da Alta Síria. Buscaremos, pois, demonstrar a importância da antiga cidade de Gaza para o Mediterrâneo antigo e sua posição estratégica para os países que almejavam expansões imperiais.

**Palavras-chave:** Gaza; Mediterrâneo antigo; Império egípcio; Historiografia.

### World experience: a historical view of the city of Gaza within the context of the Mediterranean in ancient times

**Abstract.** Current research puts the city of Gaza within the context of the Mediterranean in the late Bronze Age with the invasion of the ‘Sea People’ in the Syrian-Palestine region as the most important event of the time. The political framework of the ancient Mediterranean area was changed, coupled to the fall of the two great empires of Egypt and Khatí. Palestine experienced for the first time freedom from foreign domination since the great Mesopotamian powers, Assur and Babel, were invaded by the Aramites who controlled the high Syria zone. The importance of the ancient city of Gaza within the context of the Mediterranean and its strategic position for countries which strived for imperial expansion is investigated.

**Keywords:** Gaza; ancient Mediterranean; Egyptian Empire; Historiography.

---

\* Artigo recebido em 13/01/2012. Aprovado em 10/04/2012. Pesquisa financiada pela FAPERJ/RJ.

\*\* Mestre em Ciências da Religião pela UMESP, São Bernardo do Campo/SP, Brasil. Pós-graduando em História Antiga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil. E-mail: jj.batist@gmail.com

## La experiencia del mundo: una visión historiográfica sobre la ciudad de Gaza en el contexto de materialidad del Mediterráneo antiguo

**Resumen.** Esta investigación trata de situar a la ciudad de Gaza en el contexto de materialidad del Mediterráneo durante la Edad de Bronce Reciente. El acontecimiento de mayor repercusión fue la invasión de los “Pueblos del Mar” a la región sirio-palestina. En primer lugar, cambió el cuadro político de todo el Mediterráneo antiguo y, en segundo, cayeron los dos grandes imperios que dividían el control sobre el territorio sirio-palestino, Egipto y el hitita. Por primera vez, Palestina se vio libre del dominio extranjero porque, inclusive, a partir del siglo XI a.C., las grandes potencias mesopotámicas, Asiria y Babilonia, sufrieron la invasión de los arameos que controlaban la región de la alta Siria. Por lo tanto, trataremos de demostrar la importancia de la antigua ciudad de Gaza para el Mediterráneo antiguo y su posición estratégica para los países que deseaban expandirse.

**Palabras clave:** Gaza; Mediterráneo antiguo; Imperio Egipcio; Historiografía.

---

O bom historiador se parece com o ogro da lenda.  
Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça.  
(Marc Bloch)

### Introdução

Esta pesquisa busca situar a cidade de Gaza no contexto da materialidade do Mediterrâneo na Idade do Bronze Recente. Não tem, portanto, o objetivo de desenvolver uma teoria sobre a cidade nem sobre a ideia ou conceito de cidade. Em importante pesquisa, a arqueóloga Maria Cristina Nicolau Kormikiari (2009) concluiu que não existe uma definição única e uma tipologia de cidade antiga. Concordamos que polis, cidade-Estado e cidade antiga são grandezas sociais distintas quando pensamos no mundo antigo. Abstraindo das teorias que pensam a cidade antiga, os aspectos e objetos entendidos no contexto da materialidade do mundo Mediterrâneo durante muito tempo foram estudados no amplo âmbito do

colonialismo; processos migratórios e de colonização têm sido usados na tentativa de se evidenciar o passado distante e recente do Mediterrâneo, até mesmo para a formação das identidades europeias modernas (KNAPP; DOMMELEN, 2010, p. 1). Pode-se afirmar que a visão historiográfica na qual são processados os eventos parte de termos do universo colonialista helênico e romano, ficando pouco considerada a abordagem que leva em conta o período de predomínio egípcio elaborada no âmbito dos *movimentos vitais* e dos eventos fundantes da Idade do Bronze Recente (1550-1180 a.C.) e da Idade do Ferro I (1180-900 a.C.).<sup>1</sup>

A materialidade é estudada, sobretudo, no âmbito dos processos migratórios, o que acaba por definir a cultura com os pressupostos externos aos eventos, mormente quando esses eventos são anteriores ao predomínio cultural grego e à expansão civilizatória romana no mundo Mediterrâneo; por isso, as representações têm definido o conceito tanto de mobilidade quanto de etnicidade da história dos povos mediterrâneos, mesmo quando, seguindo a investigação dos arqueólogos A. Bernard Knapp e Peter van Dommelen (2010, p. 4), a noção de materialidade permite a exploração de objetos como uma dimensão da cultura para demonstrar a existência social.

Adotando uma perspectiva interativa, procuraremos situar a cidade de Gaza no contexto da materialidade evidente do Mediterrâneo antigo na Idade do Bronze Recente. A presença egípcia e as transformações culturais como consequência e as revoltas populares ocorridas naquele período fortalecem o sentido de pertença natural das grandezas socioétnicas mediterrâneas e, por outro lado, reforçam o repúdio a toda forma de colonialismo. O envolvimento dos povos na fundação de uma nova era leva-nos necessariamente a Gaza.

---

<sup>1</sup> Seguimos a datação do historiador e arqueólogo italiano Mario Liverani (1998; 2008; 2009).

## Em busca do contexto

O Estado burocrático egípcio, com sua economia mercantilizada mantinha uma relação direta entre os produtores camponeses e as estruturas ligadas, mormente, ao palácio e aos templos, com seus sistemas de abastecimento e oferendas que dificultavam a propriedade, contribuindo para aumentar o abismo social entre os palacianos e as categorias fracas econômica e juridicamente. Os trabalhadores livres não ficavam isentos da corveia real (CARDOSO, 2003, p. 27-28); na precariedade de recursos humanos para a construção de cidades e prédios, eram recrutados trabalhadores forçados, cujo maior contingente era originário da costa do Mediterrâneo. No Egito, os povos do mar eram escravizados; no Levante, raptados invariavelmente como prisioneiros de guerra; mas no seu lugar de origem são encontrados servindo aos faraós como mercenários em diversas funções, desde a pirataria e a produção e transporte de manufaturados até a participação nas guarnições egípcias. “As origens da escravidão egípcia eram, quanto aos escravos estrangeiros – líbios, núbios e sobretudo asiáticos –, a captura na guerra, o comércio (feito por mercadores estrangeiros), a prole dos escravos” (CARDOSO, 2003, p. 35), além do tributo imposto aos povos submetidos ou “pequenos reis”, apesar de o Egito não contar com “meios disponíveis suficientes para um controle estreito, uma colonização ou uma mudança em profundidade das estruturas de uma Síria-Palestina de antiga civilização, densamente povoada, dotada de sistemas palacianos próprios” (CARDOSO, 2004, 105-106). Por outro lado, o predomínio egípcio servia também para a circulação de deuses, símbolos e dos próprios egípcios no Levante. No âmbito da prática, isso contribuiu para movimentar o comércio que, como estrutura socioeconômica, segundo o arqueólogo Luca Peyronel (2008, p. 188), já ocorria na área siro-mesopotâmica desde o IV milênio a.C. Desde a Idade do Bronze Médio, os egípcios encontram-se familiarizados com o mar e a navegação; ainda

dependem dos povos do mar, mas nessa época tem início a fabricação de navios na costa libanesa e nas ilhas egeias (BAKOS, 2010, p. 88), além da construção de “residências” e importação de artesanato de luxo cipriota e miceniana, armas de bronze, carros e cavalos para a guerra (da Síria), lingotes de cobre (de Chipre). Enfim, indústria e comércio sistematizam a presença egípcia no Levante. Assim, o Egito torna-se culturalmente cosmopolita e, como demonstraremos *infra*, a comunicação internacional se intensifica até o século XII a.C., quando ocorre o seu colapso.<sup>2</sup>

Os povos do mar foram os responsáveis pelo colapso da Idade do Bronze Recente, destruindo toda a cadeia comercial e o sistema viário controlados pelo Egito no Levante. A crise atinge a estrutura política egípcia, além de causar o encarecimento de alimentos, agravado por problemas climáticos. (A re-estruturação sociopolítica do antigo Oriente Próximo levará ao surgimento dos grandes impérios assírio e babilônio.) Gaza está no centro das revoluções ocorridas naquela época. Cidade dos filistitas, povo do mar altamente qualificado tecnologicamente, todas as principais estradas do Levante passam por Gaza ou, sob a perspectiva de que foram construídas pelos egípcios, terminam nela; é indubitável a sua importância para o regime faraônico.

---

<sup>2</sup> A esse colapso, aludimos notadamente aos eventos ocorridos no século XII a.C., quando uma coalizão de povos do mar Mediterrâneo desafiou o predomínio egípcio no Levante. Fizeram parte da coalizão as grandezas socioétnicas dos artesãos *eqwesh* e dos piratas *lukka*, e três grandezas sociais de povos do mar que agiam no Levante como controladores não-raro a serviço do Egito, *teresh* (artesãos aparentados com os *pelishtim*), os mercenários *shekelesh* e *sberdana*; a esses associaram-se os *zekeer*, *danuna* e *weshesh*, formando a grande coalizão de populações mediterrâneas que invadiram e destruíram o império Khatti (*hittim*, denominados “hititas”) da Anatólia central, composto em sua difusão por Khatti, Kode-Gilícia, Arzawa-Anatólia, Alashiya e Karkhemish-Síria (séculos XVI-XIII a.C.) (LIVERANI, 2009, p. 634-636; MAZAR, 2003, p. 235-236; 292-295). A coalizão dos povos do mar ainda participou de uma batalha naval contra o exército de Ramsés III (1184-1153 a.C.) pelo controle do delta do Nilo. Após essas guerras que têm início com os movimentos migratórios por volta de 3000 a.C., os *’abiru* migraram de Gaza (*’Azzah*), Ashdod (*’Ashdod*) e Ascalon (*’Ashqelôn*) para o altiplano do Levante, estabelecendo-se precisamente na região do monte Carmelo (*har Karmel*) e no vale do Jordão (*nahar Yarden*).

The origins of the Philistines are uncertain. According to one theory, they descended from the Peleset, one of the components of the Sea Peoples who roamed the eastern Mediterranean at the end of the Bronze Age. Since they left no written records, the Philistines are known from archaeological research and from textual evidence left by others, inscriptions in Phoenician and, notably, the Hebrew Bible (GATES, 2011, p. 178).<sup>3</sup>

Possivelmente Gaza tenha sido a mais importante cidade filistita. A antiga Gaza, em virtude da situação política atual com relação às escavações arqueológicas, é pobremente reconhecida. Decerto, ela é uma das cidades dominadas em diferentes tempos no Levante; no entanto, após a dominação egípcia desenvolveu-se livremente até a conquista do rei assírio Tiglat-Pileser III (*Tiglat Pil' eser/Tukulti-apil-Esharra*) (744-727 a.C.) em 732 a.C. As cartas de *Tell el-'Amarna*, dos arquivos do faraó Amenófis IV Akhenaton (1353-1336 a.C.), revelam uma correspondência entre o faraó e um chefe local. Esse importante documento confirma o protetorado dos egípcios em Gaza pela resposta de um chefe a uma solicitação do faraó acerca da assistência a um contingente armado (LIVERANI, 1998, p. 66). Quanto à sua situação, o historiador e arqueólogo Mario Liverani assim descreve:

All'estremo sud della costa palestinese, la città di Gaza era posta allo sbocco della "via di Horus" proveniente dal delta, ed era dunque la vera e propria porta della Palestina per le truppe e i convogli egiziani. Data questa sua particolare posizione strategica, la città era posta sotto diretto controllo egiziano (sede dunque di un "commissario" faraonico, e non di un re locale), e fungeva da capoluogo della "provincia" di Canaan. La città del Tardo Bronzo è tradizionalmente identificata col sito di Tell el-'Aggûl (6 km a sud-ovest di Gaza moderna), ma tale sito – particolarmente fiorente nel Medio Bronzo ma non nel tardo – non sembra corrispondere ai dati testuali; l'antica Gaza può semplicemente trovarsi sotto la città moderna (1998, p. 65).<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Tradução: "As origens dos filistitas são incertas. De acordo com uma teoria, eles descendem de peleshet, um dos componentes dos povos do mar que vagavam no Mediterrâneo oriental, no final da Idade do Bronze. Uma vez que eles não deixaram registros escritos, os filistitas são conhecidos a partir de pesquisas arqueológicas e de evidências textuais deixadas por outros, inscrições em fenício e, notavelmente, a Bíblia hebraica."

<sup>4</sup> Tradução: "Ao extremo Sul da costa palestinese, a cidade de Gaza era construída à tomada da 'via de Horus' proveniente do delta, e era ainda a verdadeira e própria porta da Palestina para os egípcios e para os comboios das tropas. Por causa da sua particular posição estratégica, a

Na dificuldade de se estabelecer parâmetros para mapear adequadamente o desenvolvimento da cidade de Gaza, cabe salientar que os egípcios controlavam o Levante a partir de diversos centros. O raro documento de *Tell el-'Amarna* confirma a importância de Gaza como centro administrativo e, portanto, principal reduto egípcio no Levante, mas também revela a estratégia egípcia, assegurada pelos governos levantinos vassalos, de guardar as principais vias que dão acesso para o Líbano e a Síria e as portas das cidades-Estado, vias não-raro ocupadas pelos *'abiru*, uma grandeza de marginais sociais à época liderados por Lab'aya, rei de Siquém (*Shekem*) e protegido da Líbia.

### **A materialidade geográfica**

A região meridional do Levante, que compreende a Palestina, o Líbano e a Síria, constitui uma unidade geográfica que se define como terra de Canaan. No litoral do Levante, as enseadas estão localizadas na Baía de Haifa com o porto em Aco e as enseadas de Jope, Dora e Athlit. No Sul temos uma planície costeira muito larga, com parte dela coberta da areia soprada do rio Nilo. Ao Norte localiza-se o rio Jarcon, onde está a planície de Saron, a planície costeira, dividida por duas cordilheiras de arenito no sentido Norte-Sul. No período arcaico, a planície de Saron era coberta de florestas, com carvalhos e terebintos. A planície costeira de Saron se estreita ao longo da cordilheira do Karmel, onde se localiza um proverbial monte, de onde desce para o litoral de Haifa. Ao Sul do rio Jarcon são visíveis os cursos de água, assim como os regatos de Soreq, Laquish, Gerara e Gaza, que permanecem secos durante a maior parte do ano (MAZAR, 2003, p. 27). Muito embora grande parte do

---

cidade era posta sob direto controle egípcio (sede permanente de um 'comissário' faraônico, e não de um rei local), e servindo como capital da 'província' de Canaan. A cidade do Bronze Recente é tradicionalmente identificada com o sítio de Tell el-'Aggûl (6 km ao Sul-Oeste da Gaza moderna), mas este sítio – particularmente florescente no Médio Bronze, mas não no Bronze Recente – não parece corresponder a dados textuais; a antiga Gaza pode simplesmente estar abaixo da cidade moderna.

território canaanita ocidental tenha um clima mediterrâneo, com chuva constante e temperaturas amenas, a região Sul é árida. Na região dos regatos de Besor e Gaza, no extremo Sul da orla marítima mediterrânea, chove muito pouco; assim, o trabalho com o plantio agrícola só é possível nos anos de chuvas constantes.

A região fértil do Negueb é cruzada por duas rotas importantes, desde o Norte até o mar de Juncos (*yam-suf*), uma rota passa através do vale da Arabah e o “Caminho de Gaza”, no litoral, que liga Gaza ao mar de Juncos. Dentre as mais importantes travessias localizadas no Levante estava a “Estrada do Rei”; passando pelo deserto da Transjordânia, era a principal estrada de ligação Norte-Sul da região da Síria-Palestina, que ligava a Síria ao mar de Juncos e à Arabah. Como referência geográfica, particularmente por mim assinalada em tradução e interpretação de texto da Bíblia hebraica (SANTOS, 2011, p. 108), “com razoável segurança o Sinai pode ser localizado na Transjordânia ou no noroeste da Arabah, uma e outra região vulcânica e desértica respectivamente, ambas ocupadas por aramitas”. A outra importante estrada era a continuação da estrada que ligava a parte oriental do rio Nilo, no Egito, ao Levante. Eram cerca de 180 km que só podiam ser atravessados pelo caminho do deserto pelo Norte do Sinai na Transjordânia, onde as nascentes de água eram escassas. “Essa rota era a ponte terrestre entre o Egito e a Ásia, explorada durante diversos períodos históricos” (MAZAR, 2003, p. 31), principalmente por sua localização privilegiada na orla do mar Mediterrâneo, de onde o nome de “Caminho do Mar”.

A importância das conexões navais ao longo do Mediterrâneo oriental forçou os povos antigos da Palestina a construírem cidades portuárias também em locais inconvenientes, especialmente ao longo da costa sul (como em Gaza e Ascalon). Essa cadeia de portos possibilitou conexões navais estreitas durante vários períodos entre a Palestina, o Egito, as costas do Levante, Chipre, o sul da Turquia e o Egeu (MAZAR, 2003, p. 31).



Assim como os caminhos terrestres mudavam de intensidade e trânsito de período para período – e a rota internacional “Caminho do Mar” é um exemplo, quando se tornava alvo de exércitos invasores, caravanas de comércio em época de colheita, mercenários (no segundo milênio a.C., mormente a serviço do Egito), piratas do mar e mensageiros (pode-se nomear ao menos duas grandezas socioétnicas: *‘abiru* e *sha’su*) –, as conexões navais também mudavam de intensidade quanto ao tráfego sem, entretanto, nunca deixarem de ser um fator importante como rota de comunicação, imprescindíveis na economia, no desenvolvimento cultural e para os assentamentos no Levante. Logicamente, é impossível ignorar as contribuições, mormente para a economia, proporcionadas por rotas que integravam o Oriente Próximo antigo. A rede de comunicação no antigo Oriente Próximo é composta da grande via fluvial, com o Tigre e o Eufrates garantindo a conexão Norte-Sul; o vale do Eufrates, que na Síria segue percurso que se avizinha à região costeira, forma uma junção ideal entre o Mediterrâneo e o Golfo Pérsico (que não por acaso são denominados, respectivamente “Mar superior” e “Mar inferior”). Com relação à rede por terra, mencionemos o caminho que corta a Alta Mesopotâmia e a Síria setentrional, constituindo uma ponte entre o altiplano iraniano e o Levante, cortado por percursos terrestres e fluviais (PEYRONEL, 2008, p. 29-30). Mas é preciso considerar também, para o escoamento da produção do Mediterrâneo e para o trânsito comercial, seja em relação com o Egito, seja em relação com a Mesopotâmia, o corredor siro-palestino conhecido como “Estrada do Rei”, para não nos restringirmos às rotas das orlas marítima e fluvial.

A importância da cidade de Gaza pode ser reafirmada pelas rodovias de ligação com o Egito, com a Palestina central e com a Síria. Portanto, a sua fama ultrapassa o fato de ter sido uma cidade filistina, era a mais importante cidade do Mediterrâneo antigo dentre as cinco cidades-Estado que

controlavam a área do Levante, apesar de não ter sido o centro político do Egito no Levante, estrutura que coube a ‘Eqron, e esteve no centro do colapso da Idade do Bronze Recente na passagem para a Idade do Ferro I. Nessa mesma época, havia uma troca cultural muito intensa entre o Mediterrâneo e o Egeu. Assim como as contribuições das rodovias à economia e a comunicação em longa escala, ao que se refere às trocas culturais cabem ao menos dois exemplos para elucidação: por meio de rota marítima de cerca de 410 milhas entre Rhodes e Gaza, cerca de sete dias de viagem, uma população pouco estimada fazia travessias constantes (YASURLANDAU, 2010, p. 113); essas migrações colocavam em contato o mundo Mediterrâneo com o mundo Egeu, proporcionando ao Levante um sistema de comunicação constante e trocas culturais significativas entre as duas culturas marítimas. No segundo exemplo, chamamos a atenção para o fato de que do Bronze Recente até cerca do século VIII a.C. o Mediterrâneo exerceu grande influência econômica e social sobre territórios egeus, como Chipre, o que é refletido na série de abandonos e destruições ocorridos na ilha e encontrados nos sítios arqueológicos; atesta ainda a emergência de um novo panorama sociopolítico na região, ou seja, as cidades-Estado. Esse novo panorama tem sido considerado com frequência como resultado do deslocamento de povos egeus e a proximidade dos fenícios com a cultura cipriota (JANES, 2010, p. 127-128), apesar do elemento predominante sobre os cipriotas ser de origem egeia, com um sistema político baseado nos Estados gregos. Destarte, no plano geográfico, a cidade de Gaza e os povos do mar interessam naturalmente mais ao Egito, por seus ideais de poder no Mediterrâneo, por isso mesmo os assentamentos dos povos do mar não podem ser desvinculados de uma forma de resistência que assegure a liberdade para fixar a memória e a identidade cultural originária.

## A materialidade dos assentamentos

Interceptados nas nascentes do rio Nilo, os povos do mar assentaram-se na costa do mar Mediterrâneo. Os filistitas, povo mais importante tecnologicamente, ocuparam cinco cidades na costa meridional do Levante e o interior mais próximo do litoral mediterrâneo. A antiga Gaza continua pouco conhecida, mas muito provavelmente a atual Gaza tenha sido construída sobre a antiga.

Ocupadas e de novo fundadas as cidades, os filisteus ali instituíram reinos com base nos modelos anteriores, de raio cantonal e com centro nos palácios reais. As participações externas são, porém, bem visíveis, seja na onomástica, seja em algumas inscrições de tipo egeu (como as tabuinhas encontradas em Deir'Alla), seja em elementos da cultura material: em particular a cerâmica (antes a monocromática miceniana III C1, depois uma bicromática com formas análogas, mas decoração mais complexa, considerada propriamente filistéia), e particulares sarcófagos antropóides em terracota (LIVERANI, 2008, p. 65).

Gaza é uma cidade emblemática para o Mediterrâneo antigo na Idade do Bronze. A Idade do Bronze Médio (2000-1750 a.C.) “se distingue por uma total revolução em todos os aspectos da cultura material: padrão de assentamento, urbanismo, arquitetura, cerâmica, metalurgia e costumes funerários” (MAZAR, 2003, p. 183). Escavações e levantamentos ao longo da planície costeira ao Norte do rio Jarcon, nas proximidades da planície de Sarona, bem acima, entretanto, de Gaza, demonstraram que na Idade do Bronze Médio, no início do segundo milênio a.C., grandes cidades fortificadas foram fundadas nessa região. Ao Sul do rio Jarcon, onde está localizada Gaza, os assentamentos foram parcimoniosos, menos extensos. Em *Tell El-'Agghîl* – um grande câmorô à margem do regato Gaza ao Sul de Gaza – foi encontrado um cemitério, mas não se verificou a existência de uma cidade.

Os assentamentos e o trânsito populacional desse período dependiam também das incursões do Egito no Levante – e quanto ao que se pode se referir às relações diplomáticas entre o Egito e a Ásia há poucos documentos.

Contudo, os testemunhos materiais desse período são textos de execração em tigelas e estatuetas de cerâmica, que incluíam maldições contra pessoas e lugares considerados inimigos dos egípcios. Essas listas são úteis para, além do manifesto relacional, conhecimento das cidades por sua enumeração, suas regiões e chefias. Entendemos que esses textos ou demonstram o controle do Egito no Levante – o que, na verdade, ocorria – ou refletem um amplo conhecimento da região. Esses textos servem ainda para o estudo da urbanização da região siro-palestina. Esses textos de execração, apesar de não demonstrar claramente o controle egípcio no Levante, fornecem uma relação de cidades-Estado e tribos levantinas. Segundo o arqueólogo Amihai Mazar (2003, p. 193-194), os textos constam em duas listas datadas de aproximadamente 1900 e 1800 a.C. Ambas citam cidades por sua importância: Jerusalém, localizada nas colinas centrais, e as cidades dos vales de Ascalon (*'Ashqelôn*) e Roob; sendo que a maioria dos nomes é de tribos, e em muitos casos há dois ou três chefes ou governantes de uma mesma cidade ou tribo. As listas não incluem cidades importantes como Gaza; disto não é incorreto presumir que Gaza não era hostil ao Egito ou as listas não estão completas.

A estratigrafia comparativa dos sítios da Idade do Bronze Médio no Mediterrâneo antigo demonstra que “grandes sistemas de fortificações eram os produtos da organização social, da autoridade centralizada nas cidades e da rivalidade entre as diversas cidades-Estado” (MAZAR, 2003, p. 202). Muitas cidades fortificadas criaram a rede de cidades canaanitas, que conhecemos pelos documentos egípcios da Idade do Bronze Recente. É exatamente na Idade do Bronze Recente que o Egito mantém o controle sobre o Levante a partir de diversos centros administrativos. “Os mais importantes eram Gaza (onde residia o governador principal de Canaã) Jope e Betsã” (MAZAR, 2003, p. 236); nessas cidades os egípcios mantinham pequenas guarnições do exército para manter o controle do país, as forças maiores eram reservadas para épocas de

grandes conflitos para reprimir revoltas locais. As dinastias egípcias, Décima Nona (c. 1295-1186 a.C.) e Vigésima (c. 1186-1069),<sup>5</sup> do período acima mencionado, são as que mantiveram maior controle sobre o Levante, até as últimas décadas do século XII a.C., quando acontece o levante dos povos do mar com o apoio da Líbia.

Um relevo mural entalhado na parede externa do templo de Amon em Karnak durante a época de Seti I (aprox. 1300 a.C.) é uma das primeiras tentativas conhecidas de cartografia; é um mapa da estrada que vai do braço mais oriental do Delta do Nilo (o braço pelusíaco, que hoje está seco) até Gaza, o principal reduto dos egípcios em Canaã (MAZAR, 2003, p. 278).

A estrada mencionada por Amihai Mazar é denominada de “Estrada de Horus”, fortificada por Sethi I, e é mencionada na Bíblia hebraica (*twmv* [“Nomes”; nas versões ocidentais: *Êxodo*] 13.17), por meio do escrito de origem sacerdotal (“P”, segundo o alemão *Priesterschrift*) provavelmente do período exílico do antigo Israel (598/597 a.C. primeira deportação da população para a Babilônia, 587 segunda deportação, 582/581 terceira deportação; em 538 o rei persa Ciro (*Kôresh*) publica um édito permitindo aos judaítas de Babilônia retornarem a *Yebud*, província onde organizam posteriormente as *comunidades religiosas do judaísmo*), como ~YTVLP #ra %rD, isto é, “caminho da terra dos filistitas (*pelishtim*)”. Testemunha, ademais, a existência de mais de 20 estações ao longo do caminho pelo deserto do Sinai setentrional, em território moabita, cada estação com um pequeno forte e um reservatório de água. Ou nas palavras dos arqueólogos Israel Finkelstein, da Universidade de Tel Aviv, e Neil Asher Silberman:

O trecho mais potencialmente vulnerável da estrada – que cruzava o árido e perigoso deserto do Sinai, entre o delta e Gaza – era o mais protegido. Um sofisticado sistema de fortes, de depósitos de grãos e de fontes de água fora estabelecido a uma distância de um dia de marcha ao longo de toda a

---

<sup>5</sup> Segundo datação realizada pelo egiptólogo Ian Shaw (*The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2004).

extensão da estrada, chamada Caminhos de Hórus. Essas guarnições militares egípcias na estrada permitiam ao exército imperial cruzar a península do Sinai de maneira conveniente e eficiente, quando necessário (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2005, p. 91).

Os anais de Tutmósis III (1479-1425 a.C.),<sup>6</sup> faraó que conquistou definitivamente o Mediterrâneo antigo entre os anos 1470 e 1460 a.C., contam que ele marchou com suas tropas do Leste do delta do Nilo até Gaza em dez dias, são cerca de 250 km de distância. As trilhas para caravanas transversais que conduziam ao golfo de ‘Aqaba e às minas de cobre de Timna eram exploradas diretamente pelo Egito durante todo o período Ramesside (Ramsés I: 1306-1304; Sethi I: 1304-1290; Ramsés II: 1279-1213; Merenptah: 1213-1203; Sethi II e outros: 1203-1186; Ramsés III: 1184-1153 a.C.).<sup>7</sup> Com Ramsés III ocorre o levante dos povos do mar no Levante. Plantas de fortalezas egípcias ao longo da “Estrada de Horus” liga Gaza ao delta do Nilo, no extremo Sul do Mediterrâneo; dentre os assentamentos e as fortalezas mais importantes está *Deir el-Balah*, ao Sul de Gaza, base egípcia imponente: uma fortaleza de tijolos de barro com grossas paredes, dividido em cerca de 15 pequenas câmaras com dois andares de altura, tinha em sua proximidade um cemitério. Antes, porém, a presença do Reino Médio do Egito na Palestina e na Síria meridional e costeira é suficientemente confirmada pelos monumentos egípcios em toda uma série de cidades que inclui Gaza, Gezer, Lakish, Siquém (*Shekem*), Megido e Betsan (ou Betsã) na Palestina, Biblo, Beirut e Ugarit, a atual Ras Shamra, na costa da Síria (LIVERANI, 2009, p. 396).

Um dos episódios mais marcantes ocorridos no Levante foi o assentamento dos povos do mar no final da Idade do Bronze Recente,

---

<sup>6</sup> A monumental obra editada por William W. Hallo e K. Lawson Younger (2000, p. 5-19) introduz e apresenta os anais do faraó Tutmósis III.

<sup>7</sup> É preciso ressaltar que as datações podem variar de acordo com o método adotado pelo pesquisador (cf. LIVERANI, 2009; MAZAR, 2003; FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2005; CARDOSO, 2003).

resultado de profunda crise cultural na região do mar Egeu e da Anatólia. O mais conhecido dentre os povos do mar é o filistita, já o afirmamos, mas ele é um entre mais de uma dezena de grandezas socioétnicas envolvidas em um amplo processo de migrações e assentamentos no Mediterrâneo oriental. Desde o século XV a.C., especificamente de 1460 a 1170 a.C., o Levante foi submetido ao domínio direto dos egípcios; aliás, os egípcios vinham contratando membros das grandezas sociais mediterrâneas para servi-los como piratas, mercenários a serviço no Levante e soldados de exército, além dos raptos, mas encontrando-os também como inimigos em inúmeras batalhas. Durante muito tempo os egípcios praticaram o rapto desses povos para trabalhar nas construções nas proximidades do rio Nilo, sendo, inclusive, enviados para construções em possessões no Levante. Sob o faraó da Décima Nona Dinastia (1295-1186 a.C.), Merenptah (1213-1203 a.C.), filho do faraó Ramsés II (1279-1213 a.C.), cujo “Hino da vitória de Merenptah, Cairo e Karnak” descreve a batalha contra os líbios, onde consta uma inscrição sobre uma grandeza social “Israel”, sendo essa a mais antiga menção sobre este povo, de cerca de 1207 a.C. (KITCHEN, 2003, p. 10-15; HALLO; YOUNGER, 2000, p. 40-41), os povos do mar baseados em acampamentos na terra dos Amurru (no Líbano) invadiu a terra dos *Khattî* (hititas), na Cilícia, Anatólia ocidental e Chipre, derrotando-os. Antes de derrotar os egípcios e desarticular toda a estrutura comercial no Levante na Idade do Bronze Recente, dando início a uma nova era, os povos do mar perderam várias batalhas para o Egito. Detalhes das guerras de Merenptah e Ramsés III informam-nos das vitórias dos egípcios no Levante, seja em batalhas terrestres, seja em batalhas navais; como cidade filistita, cujos habitantes controlavam com os *tjekel* o comércio e a navegação costeiras ao longo do litoral mediterrâneo oriental, Gaza estava no centro da crise desencadeada com a chegada e o estabelecimento dos povos do mar dentro do império egípcio. Por manter o poderio comercial e por deter a

mão de obra qualificada no Levante, mormente por meio dos filistitas, os povos do mar eram raptados e escravizados pelos egípcios; quando se desvencilhavam eles articulavam ações bélicas, começando nas cidades que estavam sob controle, Gaza, Ascalon (*'Ashqelôn*), Ashdod, Gat e 'Eqrôn. São todas as cidades-Estado localizadas na *Sefelab*, área extremamente fértil, sendo que Gaza está localizada na planície costeira com Ascalon (*'Ashqelôn*), a região mais fértil do Levante, com um *seren* (chefe). “O controle egípcio era em grande parte indireto e os ‘pequenos reis’ locais conservavam sua autonomia (mas não a independência) como ‘servos’ e tributários do faraó” (LIVERANI, 2008, p. 36-37). O arqueólogo Donald Redford (*apud* KILLEBREW, 2005, p. 57) tem sugerido a divisão do Levante em quatro cidades-Estado, sendo as cidades mais importantes Gaza, Megido/Betshean, Kumidi e Ullaza/Sumur, enfatizando o fato de que essas não são províncias convencionais como compreendido pelo senso comum.

Gaza, na costa meridional, era uma das capitais de província egípcia no Mediterrâneo antigo no século XIV a.C., uma época em que apenas três cidades eram centros governamentais siro-palestinos, as outras duas eram Kumidi na Beq'a libanesa e Sumur na costa setentrional, junto à atual fronteira siro-libanesa. Este era um *status* diferenciado, mesmo em relação às cidades que sediavam guarnições do exército egípcio. Não eram empregadas muitas pessoas no aparato nem governamental nem policial em épocas de paz, não mais do que 700 pessoas, mas o Egito já chegou a possuir cerca de 10 mil soldados no Levante, no século XV a.C. (LIVERANI, 2008, p. 38). Na verdade das coisas, os grandes contingentes ficavam concentrados como guarda das vias comerciais.

Beneficiada por terras agriculturáveis e fortemente urbanizada, Gaza foi uma cidade-Estado herdeira dos “pequenos reinos” da Idade do Bronze Recente. Segundo o arqueólogo Assaf Yasur-Landau (2010, p. 295), chegou a



ter entre 12 mil e 13 mil habitantes. Manteve sua dimensão, com dados da Idade do Ferro I, entre 400 a 800 km<sup>2</sup> com cerca de 4 mil a 5 mil habitantes, sua ordem institucional e sua relação com o interior agrícola. Não necessitava nem comportava distritos administrativos, mas em torno dela estão dispostas pequenas cidades e vilas agrícolas; mantinha pequenos templos com especialistas do culto e das atividades templares, uma tradição artesanal, um palácio real para o chefe ou governante hereditário ou empossado pela potência dominante e mantinha uma administração formal e escrita, com possível taxaço para o transporte da produço agrícola para a cidade e para o palácio. Segundo Ann E. Killebrew (2005, p. 204), no “Harris Papyrus I” consta que na época de Ramsés III os egípcios fundaram um templo a Amon, deus de Tebas (Karnak), em Gaza, o que tem implicaçoes quanto ao assentamento filistita em Gaza durante o reinado daquele faraó.

## Conclusão

À maneira de conclusão em progresso, de uma pesquisa aberta a desdobramentos, podemos falar que se procurou mostrar a cidade de Gaza na Idade do Bronze Recente, sua importante posição no Mediterrâneo antigo, mormente como província estratégica do Egito, com administração palaciana própria e regimento militar.

Baseado em documentos da época de Ramsés III, tem-se afirmado que os filistitas assentaram-se na terra de Canaan sem que os egípcios tenham observado (YASUR-LANDAU, 2010, p. 320). Não obstante, a região era policiada pelo Egito que mantinha uma política imperialista no Levante, “it as a major political force in Canaan” (KILLEBREW, 2005, p. 53). Enfim, para se conhecer os assentamentos dos filistitas na costa Sul do Mediterrâneo antigo e a sua influência em relação aos povos da Bíblia hebraica, mormente quanto aos *‘ibriyyim* (antigos israelitas) e seu possível parentesco com as grandezas

socioétnicas *'abiru* e *sha'su*, a cultura material mediterrânea como definida arqueologicamente, além das experiências das mobilizações populares ocorridas no Levante, é imprescindível colocar no centro dos estudos de história antiga a cidade de Gaza.

## Referências

- BAKOS, Margaret M. A presença egípcia no Mediterrâneo antigo: deuses e símbolos. In: CANDIDO, Maria Regina (org.). *Memórias do Mediterrâneo antigo: interações culturais no Mediterrâneo antigo*. Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos da Antiguidade/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010. p. 80-99.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. O Egito e o antigo Oriente Próximo na segunda metade do segundo milênio a.C.: um olhar sobre os dons e contradons entre governantes no apogeu da Idade do Bronze. In: CARVALHO, Alexandre Galvão (org.). *Interação social, reciprocidade e profetismo no mundo antigo*. Vitória da Conquista/BA: Edições da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2004. p. 95-125.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Trabalho compulsório na antiguidade: Ensaio introdutório e coletânea de fontes primárias*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (editors). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. 3. ed. Trad. Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa, 2005.
- GATES, Charles. *Ancient cities: the archaeology of urban life in the Ancient Near East and Egypt, Greece and Rome*. 2. ed. rev. London: Routledge, 2011.
- HALLO, William W.; YOUNGER, K. Lawson (editors). *The Context of Scripture*. Vol. 2. Monumental Inscriptions from the Biblical World. Leiden/New York/Köln: E.J. Brill, 2000.
- JANES, Sarah. Negotiating island interactions: Cyprus, the Aegean and the Levant in the Late Bronze to Early Iron Ages. In: DOMMELEN, Peter van; KNAPP, A. Bernard (editors). *Material connections in the ancient Mediterranean: mobility, materiality and identity*. London: Routledge, 2010. p. 127-146.
- KILLEBREW, Ann E. *Biblical peoples and ethnicity: an archaeological study of Egyptians, Canaanites, Philistines, and early Israel 1300-1100 BCE*. Leiden/New York/ Köln: E.J. Brill, 2005.

KITCHEN, Kenneth Anderson. *Ramesside Inscriptions*. Vol. IV. Historical and biographical: Merenptah and the Late Nineteenth Dynasty. Oxford: Wiley-Blackwell, 2003.

KNAPP, A. Bernard; DOMMELEN, Peter van. Material connections: mobility, materiality and Mediterranean identities. In: DOMMELEN, Peter van; KNAPP, A. Bernard (editors). *Material connections in the ancient Mediterranean: mobility, materiality and identity*. London: Routledge, 2010. p. 1-18.

KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau. O conceito de “cidade” no mundo antigo e seu significado para o norte da África berbere. In: FLORENZANO, Maria Beatriz Borba; HIRATA, Elaine Farias Veloso (orgs.). *Estudos sobre a cidade antiga*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2009. p. 137-172.

LIVERANI, Mario (cura). *Le lettere di el-Amarna*. Vol. 1. Le lettere dei “Piccoli Re”. Brescia: Paideia Editrice, 1998.

LIVERANI, Mario. *Antico Oriente: storia, società, economia*. Biblioteca Storica Laterza. 8. ed. Roma; Bari: Editori Laterza, 2009.

LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: história antiga de Israel*. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2008.

MAZAR, Amihai. *Arqueologia na terra da Bíblia: 10000-586 a.C.* Coleção Bíblia e Arqueologia. Trad. Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2003.

PEYRONEL, Luca. *Storia e archeologia del commercio nell'Oriente antico*. Roma: Carocci Editore, 2008.

SANTOS, João Batista Ribeiro. Apresentar o controverso. Judaísmo e os judeus dispersos entre grandezas sociais árabes: teoria e história do *Salmo 120. Caminhando* (Universidade Metodista de São Paulo). São Bernardo do Campo, v. 16, n. 1, p. 101-114, jan./jun. 2011.

YASUR-LANDAU, Assaf. *The Philistines and Aegean migration at the end of the Late Bronze Age*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

